

Baixa dos Sapateiros

PMS FMI GERIN

BIBLIOTECA

Correio da Bahia

Data 15/10/08

Caderno 106

Página 106

Assunto

Bairro

Nova Baixa dos Sapateiros

Revitalização prevê investimento inicial entre R\$20 milhões e R\$30 milhões em imóveis, iluminação e equipamentos de lazer

Fotos de Paulo M. Azevedo

Alexandre Lyrio *

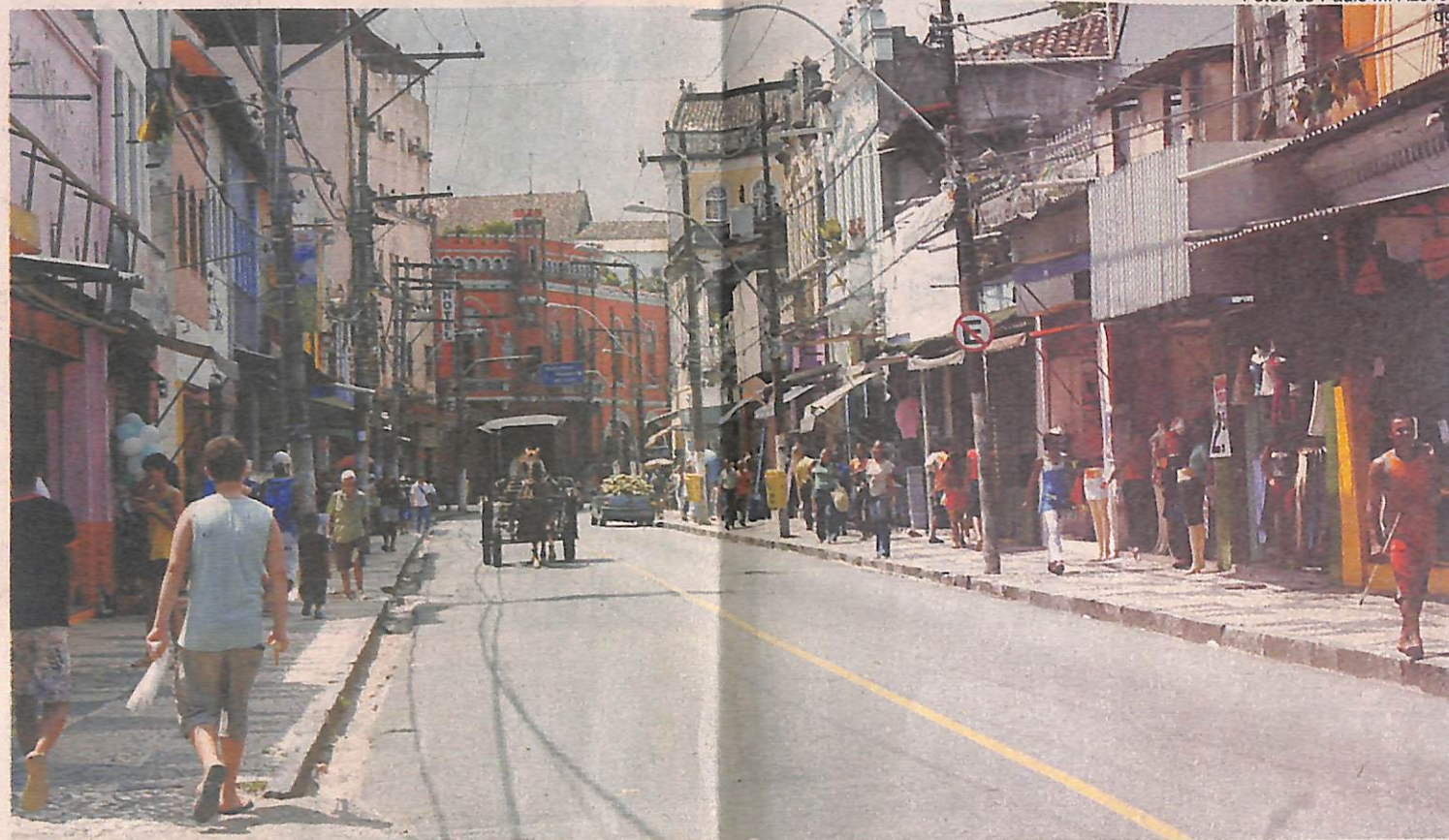
A morte do último dos velhos sapateiros da Baixa dos Sapateiros, na semana passada, poderia ter enterrado todos os sonhos e desejos de recuperação do local. Mas, em meio às decadentes lojas de confecção e butikues de roupas populares, ainda resta um fio de esperança. Um estudo realizado pelo Escritório de Referência do Centro Antigo de Salvador, ligado à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult), oferece as primeiras diretrizes para se revitalizar toda a extensão e arredores de um dos mais antigos centros comerciais de Salvador. O mais completo projeto para a "Reabilitação Urbana da Baixa dos Sapateiros" estima um investimento inicial entre R\$20 milhões e R\$30 milhões, que seriam utilizados principalmente na reconstrução de imóveis e iluminação da área.

Sem prazo definido para sair do papel, o estudo prescreve com detalhes as necessidades do lugar. Na busca pelo retorno dos tempos áureos da Baixa dos Sapateiros, é uma espécie de combinação de todos os outros trabalhos já realizados para a recuperação de diferentes trechos da Avenida J.J. Seabra, seu nome oficial. A idéia é angariar recursos através de parcerias público-privadas. Estão previstas as construções de praças de lazer e alimentação, a reforma dos passeios, a troca

de fiações elétricas, além de novos estacionamentos. Somente com iluminação devem ser gastos entre R\$3 e R\$4 milhões.

Mas a qualificação dos casarões é o ponto central. Os próprios painéis colocados nas fachadas dos estabelecimentos esconderiam uma grande riqueza arquitetônica. Os chamados "luxalons" serão retirados. "Trabalharemos em quatro eixos: a requalificação das fachadas, o reordenamento urbano, a recuperação de imóveis de interesse público e a reestruturação de imóveis para fins de habitação", explica a coordenadora do Escritório de Referência do Centro Histórico, Beatriz Lima. O plano não se restringe às lojas instaladas ao longo dos 2,6km de extensão da via. Deve alcançar as cercanias das lojas e até mesmo parte do Pelourinho.

Formigueiro - A Baixa dos Sapateiros de hoje nada lembra o formigueiro humano de antes, quando era difícil circular pelas calçadas. A revitalização deve abranger verdadeiros patrimônios culturais, como o Mercado de Santa Bárbara, onde se dá a abertura anual do calendário de festas populares de Salvador. Sob tombamento provisório como Patrimônio Imaterial, a festa de Santa Bárbara contribui para a valorização da Baixa dos Sapateiros. "Eu já nem me meto mais. Se eles querem deixar a Baixa dos Sapateiros morrer, é problema deles, mas



nós não merecemos isso", avisa o mais antigo comerciante do mercado, José Faustino, 58 anos, que prepara o caruru de Santa Bárbara desde os tempos em que os carros e ônibus circulavam em via dupla na Baixa dos Sapateiros, o que só mudou em 1976.

O projeto quer resgatar o glamour de construções imponentes, como Cine Teatro Jandaia, o prédio do Corpo de Bombeiros e o Asilo Franciscano Santa Izabel. Construído em *art déco*, o Jandaia de outros tempos cai aos peda-

ços. As vidraças quebradas na parte externa apenas escondem o estrago que há no seu interior, onde parte do teto está desabando. "Aquilo ali pode ser um charmoso teatro municipal, por exemplo", opina Beatriz. Cinemas como o Pax e o Olimpia, também na Baixa dos Sapateiros, estão no mesmo caminho do Jandaia. O único que ainda funciona é o Tupy, com exposições pouco atraentes: "Todos os dias, dois filmes de sexo explícito", anuncia a fachada.

Lista de fatores que difi-

cultam o comércio da região foi concebida a partir de depoimentos dos próprios comerciantes. No estudo, a falta de diversificação de atividades no local foi apontada como fator negativo por 22% dos proprietários de lojas, enquanto que a inexistência de áreas de lazer e alimentação desagradou a 14% dos comerciantes. Outros 14% consideram prejudicial ao lugar a presença de albergues (mendigos e desabrigados). Entre os fatores nocivos ainda são listados a falta de sanitários públicos (10%) a

Decadência toma conta de um dos mais antigos e mais importantes centros comerciais de Salvador

aparência das lojas (9%), a falta de estacionamento (8%), o grande número de prédios abandonados (4%), a decadência dos terminais do Aquidabã e Barroquinha (4%), a "presença de informais" (3%) e a falta de sinalização (3%).

* Colaborou Flávio Novaes

LOJAS FECHADAS

MUITAS DAS portas de estabelecimentos sequer chegam a abrir no amanhecer da Baixa dos Sapateiros. O estudo do Escritório de Referência do Centro Antigo de Salvador indica que o número de casas comerciais cai vertiginosamente. Em 2000, quando o local já estava em decadência, havia pelo menos 700 empreendimentos em funcionamento. Cinco anos depois, em 2005, eram menos de 600 casas. Hoje, a Associação dos Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa) registra a existência de 452 pontos-de-venda, incluindo os ambulantes. A Albasa calcula a geração de 2.500 empregos diretos e 600 indiretos. "Ainda somos uma potência comercial e de geração de empregos. Isso aqui não pode morrer assim", proclama o presidente da Albasa, Cosme Brito.

HISTÓRIA

PARTE DA ÁREA onde hoje está concentrado o que resta do comércio da Baixa dos Sapateiros foi, há 384 anos, um dique construído pelos holandeses durante a invasão de 1624. Ali passava um rio e os invasores queriam manter afastada a resistência que queria retomar a cidade. Depois de ser aterrado, o local passou a se chamar Rua da Vala, que dividia as duas primeiras cumeadas de Salvador - a do promontório da Praça Municipal e a da Saúde. Logo depois, artesãos especialistas em calçados ocuparam a rua que ficava no pé da lajeira do Pelourinho, onde existiam lojas de couro, matéria-prima para os sapatos. Nascia a Baixa dos Sapateiros. (FN)

PERFIS

SEU FIRMINO



FIRMINO ALVES saiu de Braga, em Portugal, para ganhar a vida na Baixa dos Sapateiros. Há 50 anos, começou como funcionário de uma das lojas. Tempos depois, era ele próprio o proprietário de seis estabelecimentos no local, sem contar outros dez que mantinha em outros pontos da cidade. Passados os tempos de riqueza, restou-lhe uma incontável hipertensão. Na loja atual, decadente, mantém dois funcionários com muito custo. Nada comparado aos 150 empregados que chegou a registrar na sua folha de pagamento, ainda na década de 1970. Velho, doente e pagando aluguel, seu Firmino agradece a acolhida do Brasil, mas diz ter perdido a esperança. "Nunca imaginei sentir uma tristeza tão grande", lamenta.

MUITAS DAS portas de estabelecimentos sequer chegam a abrir no amanhecer da Baixa dos Sapateiros. O estudo do Escritório de Referência do Centro Antigo de Salvador indica que o número de casas comerciais cai vertiginosamente. Em 2000, quando o local já estava em decadência, havia pelo menos 700 empreendimentos em funcionamento. Cinco anos depois, em 2005, eram menos de 600 casas. Hoje, a Associação dos Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa) registra a existência de 452 pontos-de-venda, incluindo os ambulantes. A Albasa calcula a geração de 2.500 empregos diretos e 600 indiretos. “Ainda somos uma potência comercial e de geração de empregos. Isso aqui não pode morrer assim”, proclama o presidente da Albasa, Cosme Brito.

PARTE DA ÁREA onde hoje está concentrado o que resta do comércio da Baixa dos Sapateiros foi, há 384 anos, um dique construído pelos holandeses durante a invasão de 1624. Ali passava um rio e os invasores queriam manter afastada a resistência que queria retomar a cidade. Depois de ser aterrado, o local passou a se chamar Rua da Vala, que dividia as duas primeiras cumeadas de Salvador – a do promontório da Praça Municipal e a da Saúde. Logo depois, artesãos especialistas em calçados ocuparam a rua que ficava no pé da ladeira do Pelourinho, onde existiam lojas de couro, matéria-prima para os sapatos. Nascia a Baixa dos Sapateiros. (FN)

PERFIS

SEU FIRMINO



FIRMINO ALVES saiu de Braga, em Portugal, para ganhar a vida na Baixa dos Sapateiros. Há 50 anos, começou como funcionário de uma das lojas. Tempos depois, era ele próprio o proprietário de seis estabelecimentos no local, sem contar outros dez que mantinha em outros pontos da cidade. Passados os tempos de riqueza, restou-lhe uma incontrolável hipertensão. Na loja atual, decadente, mantém dois funcionários com muito custo. Nada comparado aos 150 empregados que chegou a registrar na sua folha de pagamento, ainda na década de 1970. Velho, doente e pagando aluguel, seu Firmino agradece a acolhida do Brasil, mas diz ter perdido a esperança. “Nunca imaginei sentir uma tristeza tão grande”, lamenta.

SEU CIDREIRA



HÁ EXATOS 54 anos vendendo artigos de utilidade doméstica, Cristóvão Cidreira sonha com o retorno da mão dupla de veículos nas estreitas vias da Baixa dos Sapateiros. “Não conheço rua comercial que tenha apenas um sentido”, afirma. Aos 81 anos, se orgulha de ter iniciado a vida no comércio ainda em 1950, na sua Nazaré das Farinhas. E a solução para 2008 está na ponta da língua: “Tem que criar um ônibus circular saindo do Campo Grande, passando pelo Forte de São Pedro, descer a Contorno, pegar o túnel Américo Simas, o Aquidabã e entrar na Baixa dos Sapateiros”. (FN)

SEU GUILHERME



A BANCADA repleta de relógios genéricos sustenta Guilherme Nascimento, 74, ainda convicto de que dias melhores virão para o lugar. Fala com orgulho dos 40 anos dedicados aos aparelhos – de pulso ou não – desde a época em que trabalhava no edifício em frente, onde possuía uma salinha. “Ali tinha também alfaiate, radio-técnico, mas todo mundo se foi e eu perdi a sala”, diz. E a Baixa dos Sapateiros? “Tem que voltar a mão e contramão, aí melhora”, acredita. (FN)